



UMA OBRA NECESSÁRIA: “10 LIÇÕES SOBRE BEAUVOIR”

Nilza Menezes*
Fabio Fonseca do Nascimento*

Resenha: LEMOS, Fernanda. 10 lições sobre Beauvoir. Editora Vozes, Petrópolis, Rio de Janeiro 2023, 118 p.

Os pensamentos de Simone Lucie-Ernestine-Marie Bertrand de Beauvoir de tempos em tempos são revisitados, principalmente pelo movimento feminista por trazer críticas a uma sociedade cisheteropatriarcal. Com a perspectiva de trazer um novo olhar sobre as obras de Beauvoir, considerando as ideias fenomenológicas existencialistas desta autora, a professora e pesquisadora Fernanda Lemos acaba de lançar o livro *10 Lições sobre Beauvoir*. Fernanda Lemos é professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, coordenadora do Núcleo de Pesquisas Socioantropológicas da Religião e de Gênero do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões pela mesma Universidade. Mestre e doutora em Ciências Sociais da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo – UMESP, com estágio pós-doutoral no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP. Integrante do Grupo Mandrágora/NETMAL da UMESP, atua no conselho diretor da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Teologia e Ciências da Religião- ANPTECRE. Com estudos voltados para área de Gênero, Religião, Pentecostalismo, Religiosidades e o protagonismo de Simone de Beauvoir no século XX.

* Doutora em Ciências da Religião pela UMESP, graduada em História pela Universidade Federal de Rondônia. Membro pesquisadora do grupo de pesquisa em Gênero e Religião, Mandrágora/NETMAL, do PPG em Ciências da Religião da UMESP.

** Doutorando e Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), bacharel em Teologia e Administração pela mesma Universidade, com pesquisas na área de Migração, Religião e Direitos Humanos.

Nas 10 lições, que podem ser lidas como dez aulas, é possível acessar o universo intelectual, criativo e a imensa contribuição de Beauvoir para a política, filosofia, existencialismo fenomenológico e a literatura. Esta obra apresenta, de maneira cronológica, a produção beaivoiriana, analisando temas como Deus, religião, corpo, velhice, morte e a condição das mulheres marcadas por destino, natureza e cultura, focada especialmente nos seus corpos, que, segundo a autora, são corpos mutilados, castrados, como resultado de uma longa guerra.

Após as observações sobre a importância de toda a produção, das questões que marcaram a escrita de Beauvoir, Fernanda Lemos analisa a produção relacionada às reflexões sobre gênero dentro do contexto da filosofia existencialista, que permite compreender a condição feminina para além do biológico, necessitando do reconhecimento social, do respeito, para que seja então respeitada a liberdade, condição essencial para a dignidade humana. Fernanda Lemos nos traz o que ficou não dito nas produções literárias de Beauvoir e que, não temos como negar, está relacionado à sua condição feminina. Esse olhar lançado sobre a sua produção em ensaios, monografias, autobiografia e romances nos permite observar que, de certa maneira, ela foi colocada como o *Outro* dentro da tradição masculinizada da filosofia e da literatura.

Não há como dissociar a relação feita entre a vida e obra de Simone de Beauvoir e a vida e obra de Sartre e, muito menos, não há como negar que a sua condição feminina lhe deu o lugar que ela sabia que existia, o do *Outro*. Porém, conforme observa Fernanda Lemos, o objetivo desse trabalho foi o de mostrar que o pensamento de Beauvoir estava dissociado tanto de Sartre, como de Merleau - Ponty e outros contemporâneos seus. Muito embora fossem amigos e dialogassem, ela possuía escolhas individuais, teoria rigorosa e metodologia que expressam seu próprio pensamento. Torna-se importante, de acordo com Fernanda Lemos, observar que Simone de Beauvoir foi uma mulher que viveu e tem sua produção no final dos anos de 1940, período pós-guerra, marcado por questões políticas, econômicas e culturais, e que todas essas questões aparecem na sua obra numa literatura que transita por esses temas, para dizer que a liberdade precisa ser comunitária, e que o caminho é a luta contra o sistema.



Na Primeira Lição, *Beauvoir, seu tempo e suas obras*, a autora traz uma sucinta biografia de Simone de Beauvoir, o contexto histórico da época, descrevendo sua produção bibliográfica, considerando os diferentes gêneros literários. Ao analisar os escritos beauvoirianos, o tema do existencialismo, liberdade, os acontecimentos sociopolíticos e literatura ganham destaque. Entre as obras citadas nesta lição estão: *Memórias de uma moça bem-comportada*; *O segundo sexo*; *A velhice*; a revista *Las Temps Modernes* construída em parceria com Jean-Paul Sartre, Maurice Merleau-Ponty e Raymond Aron; o livro *A força das coisas* que traz as memórias de viagem pelo mundo e entre outras. Como observado por Fernanda Lemos, Simone de Beauvoir não visa metodizar suas ideias, ela se aproxima de uma perspectiva fenomenológica existencialista de acessar o mundo. Tal compreensão é percebida nos seus escritos autobiográficos *A força das coisas*, que relata sua viagem ao Brasil. Do ponto de vista fenomenológico existencialista, a hospitalidade nordestina, culinária, religiosidade brasileira (candomblé) e configuração da população majoritariamente negra se destacam sob o olhar de Beauvoir. Os textos literários, filosóficos e autobiográficos constituem uma forma de percepção existencialista fenomenológica que abarca a condição humana.

No próximo tópico, a Segunda Lição *O segundo sexo no Index Librorum Prohibitorum*, se discutem algumas concepções sobre a obra, publicada originalmente em 1949. Para esta análise, a autora buscou elementos presentes em *A força das coisas* e entre outras obras de Beauvoir do século XX, que levantaram questões importantes sobre a subjetividade da mulher. Para Beauvoir o “homem se colocava como sujeito e considerava a mulher como objeto, como o Outro” (BEAUVOIR, 2009 b¹, p. 210 *apud* LEMOS, 2003, p. 26). Esta fundamentação teve reconhecimento a partir das cosmologias sobre homens, mitos religiosos, ideologias, assim como fundamentação nas questões históricas e fisiológicas. *O segundo sexo* foi dividido em duas partes “*atos e mitos*” e “*a experiência vivida*” que conjuga o olhar filosófico com a realidade no mundo onde as diferenças entre gênero possuem um aspecto cultural e não biológico. A obra, por oferecer um estado da arte de consciência

¹ BEAUVOIR, S. *A força das coisas*. Trad. M.H.F. Martins, 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009



a subjetividade do Outro [corpo feminino], levantou críticas na época entre os intelectuais e com a direita católica conservadora francesa. Beauvoir tinha como objetivo trazer consciência da estrutura social da época que dialogasse com a realidade, demonstrando o lugar metafísico ocupado pelas mulheres na cultura e na sociedade. Esta estrutura dialogal com a realidade, confere à obra *O segundo sexo* um cunho existencialista fenomenológico, por tratar da experiência da vida, neste caso da mulher como sujeito ou objeto *Outro*.

O *existencialismo beauvoiriano*, discutido na Terceira Lição, trata de uma visão metafísica em compreender o homem na sua totalidade, buscando se distanciar dos axiomas cabais do mundo. Dentro dos parâmetros filosóficos não existe concessões às responsabilidades do homem, distinguindo os problemas políticos e morais. “O homem é um *vir-a-ser*, e nisto consiste sua liberdade para construir sua própria história” (LEMOS, 2023, p. 35- *grifo da autora*). Beauvoir defendia as ideias do existencialismo frente aos debates da filosofia tradicional, que considerava esta filosofia o alçóquio da vida humana. O existencialismo responsabiliza o homem por sua dimensão de liberdade, condicionando a pensar no outro como sujeito de sua ação. Para Fernanda Lemos (2023) o existencialismo beauvoiriano “coloca o homem como protagonista de suas escolhas, apto a liberdade, por outro, imputa-lhe a sua responsabilidade diante delas” (LEMOS, 2023, p. 41). Nestes termos, o existencialismo propõe uma consciência ativa do uso da liberdade no mundo, no qual a responsabilidade para si e para com os outros coexistem mutuamente.

Na Quarta Lição, *A tradição da fenomenologia existencialista de Beauvoir*, Fernanda Lemos retoma a compreensão da existência humana, na percepção de Beauvoir, para entendermos como surgiram historicamente os preceitos da estrutura existencial a partir de uma abertura ética, moral e religiosa, presente na “liberdade ontológica humana”. O texto em questão, denota as principais influências do pensamento beauvoiriano, sobretudo de Merleau - Ponty, pela amizade e contato direto, sua formação em Filosofia na Sorbonne, a filosofia alemã, a francesa a partir de Hegel e Marx. A autora destaca que a fenomenologia existencialista de Beauvoir busca compreender a experiência humana levando em conta a experiência de si e dos outros. O que está posto

é que o método fenomenológico, assumido por Beauvoir, não elimina a correlação existencialista de compreender o ser humano. Esta chave de leitura beauvoiriana está para além do existencialismo sartreano, questionado na época. Isso explica a importância de realçar a filosofia beauvoiriana como fenomenológica e não meramente existencialista. Nesta perspectiva, Fernanda Lemos destaca a complexidade e o aprofundamento que existe na teoria de Beauvoir. Porém, a autora menciona que os primeiros estudos sobre a teoria beauvoiriana não contemplaram tal complexidade, estes estudos não captaram a atenção cuidadosa que Beauvoir despendia em um formato de observação mais amplo das experiências vividas, uma estrutura multidimensional existencial. Esta estrutura pode ser encontrada, por exemplo, na obra *“Uma Morte muito Suave”*, que relata o adoecimento de sua mãe até a sua morte. Tal percepção se desenvolve pela dimensão existencial que sua mãe vivenciou, destacada nesta obra. Neste relato, esta dimensão se relaciona com a realidade social da experiência vivida.

Fernanda Lemos aborda a importância do trabalho de Margaret Simons *“The Beginnings of Beauvoir’s Existential Phenomenology”* que traz novos elementos para o campo da fenomenologia existencialista de Beauvoir. No diário (1927), encontrado pela filha de Beauvoir no ano de 1990 percebem-se os elementos construtivos e reflexivos da filosofia beauvoiriana, entre eles a sua singularidade, autobiografia e suas experiências religiosas. Quanto à religião, Fernanda Lemos destaca que para Beauvoir é uma experiência de *“fuga do desespero e do autoengano”* (LEMOS, 2023, p. 50), preferindo a razão em detrimento da fé. Posto isso, é possível perceber que a filosofia beauvoiriana, diferentemente da fenomenologia de Sartre, que escapa do problema do solipsismo², transcende o amor na intersubjetividade, sem anular a interdependência dos sujeitos, ou seja, a liberdade humana.

² O termo solipsismo deriva do latim *“solus”* (sozinho) e *“ipse”* (próprio), sugerindo a ideia de que a única realidade certa é a própria mente do indivíduo. Essa posição filosófica é frequentemente associada a uma forma extrema de ceticismo em relação à realidade externa (ABBAGNANO, 2017). A filosofia beauvoiriana levanta críticas ao solipsismo, às estruturas sociais que perpetuam as desigualdades, limitam a liberdade feminina e a forma intersubjetiva em que o mundo moral foi criado. O Centro da filosofia de Beauvoir considera um tipo de subjetividade que *“busca pelo amor baseada na interdependência de si mesmo e do outro”*. (LEMOS, 2023, p. 51).

Em *Por uma moral da ambiguidade*, título da Quinta Lição de Beauvoir, Fernanda Lemos destaca precisamente a contribuição de Beauvoir para o problema da existência, assim como da liberdade humana. Tal compreensão ontológica existencialista constitui uma reflexão crítica sobre ética moral a partir da cosmologia sobre o homem, em que reside a subjetividade em ser e não ser. Outro tema abordado nesta Lição é a finitude da vida. Para Beauvoir é neste conceito de ambiguidade que reside o cerne da existência da vida humana. “Aliás, morrer não é uma exclusividade humana” (LEMOS, 2023, p. 53), esta condição natural implica um desvelamento do ser vida e morte/ corpo e alma presentes na legitimação religiosa. Estes arquétipos, segundo Fernanda Lemos, têm mais a ver “com a compreensão da realidade social/ existencial da morte e menos a ver com a condição da metafísica (p. 55).

Na Sexta Lição, *O problema da morte e da velhice em Beauvoir*, a autora (2023) aponta que, ao abordar o corpo, a velhice e a morte, Beauvoir nos permite pensar também sobre questões geracionais em perspectiva de gênero, contudo numa visão mais ampla, chamando a atenção para a responsabilidade social de todas as pessoas no processo de alcançar a igualdade. Esta fase da vida, a velhice, se torna ambígua, por se tratar de um fenômeno biológico e social. A velhice dentro da perspectiva beauvoiriana assume a dimensão de declínio social, em relação ao sujeito ativo e produtivo. Ou seja, uma dimensão de existência em relação ao outro. Enquanto condição da vida humana, a velhice se torna incompreendida, por falta do rito sociorreligioso de passagem. Tal ausência ritualística se torna um agravante em um mundo em que o corpo velho é “renegado pela sociedade enquanto sujeito ativo e produtivo” (LEMOS, 2023, p. 63). Assim, a velhice é um fato que normalmente é ignorado, um fenômeno suprimido pelas sociedades modernas. Nesta condição a velhice é uma situação de fracasso, porém, na condição dos intelectuais, artistas e ricos a velhice é manifestada de outra maneira. Tal crítica, demonstrou que a condição do idoso, em Beauvoir assume personificações distintas e, dependendo de sua condição social, pode assumir um destino de sub-homem. Neste sentido, a velhice é um estado social pior que a morte, visto que o idoso assume um lugar social de improdutividade e de não rentabilidade.



Definir *A concepção de Deus e da religiosidade na perspectiva beauvoiriana* é o trabalho desenvolvido na Sétima Lição. Para problematizar esta lição, Fernanda Lemos retoma o tema da liberdade beauvoiriana, em que o existencialismo responsabiliza o próprio homem pelos seus atos diante de si e dos outros. Portanto, a partir desta lógica dialética pontua-se também a subjetividade sobre o bem e o mal, em que tudo está relacionado ao uso da liberdade. Dentro deste pressuposto existencialista, compartilhado por Beauvoir questiona-se a existência de Deus, através de seu ateísmo nutrido desde seus quatorze anos. O exemplo mais claro disso está na afirmação crítica de Beauvoir “que reconheceu não mais acreditar em Deus, a partir do momento que libertara de determinados *tabus*” (LEMOS, 2023, p. 71). Beauvoir assumiu uma posição crítica, questionadora em relação à fé herdada de sua experiência familiar católica. Ao se emancipar da religião, apurou a forma de ver, perceber as práticas e os fenômenos religiosos. Beauvoir, compreende, por vezes, a concepção de Deus a partir da finalidade humana, que legitima os projetos e atitudes do homem. Sendo assim, os homens legitimariam as ideias religiosas, a fim de sobrepôr o domínio de uns homens sobre outros, cerceando-os de sua liberdade. Este é monopólio da revelação de Deus sobre o homem.

Porém, para Beauvoir, o entendimento sobre a existência de Deus pressupõe a ideia de liberdade responsável pelas suas escolhas. Fundamentalmente, estes pensamentos se coadunam com a filosofia existencialista, onde as ideias beauvoirianas apontam para experiências vividas sobre as religiões, assim como sua observação fenomenológica. Por outro lado, Fernanda Lemos destaca a análise de Beauvoir sobre as experiências vividas nas religiões. A autora destaca, particularmente, as religiões de matriz africana por apresentarem uma similaridade nos ritos, que valorizam e empoderam os corpos marginalizados. Já em relação à religião católica, Beauvoir, reforça a existência da ideia de opressão dos corpos, como foi observado em sua análise, utilizando o método fenomenológico existencialista das experiências vivenciadas nas religiões.

A premissa da Oitava Lição, *Entre a natureza, a cultura e o destino feminino*, assenta-se no fato de que a produção do conhecimento sobre

a fisiologia humana apoia-se na diferença entre os indivíduos. Tal constatação existencial constitui um sistema de sobreposição do natural sobre o cultural e vice-versa. A cultura e a natureza são formas constitutivas do ser humano, que se estabelece na valorização de um elemento em detrimento do outro. Neste caso, a relação entre a diferença constitui um processo de “*vir- a- ser*”, um complexo de subterfúgios destinado à “fêmea humana”. A crítica beauvoiriana recai sobre as teorias naturalistas, psicanalíticas e materialista, e implica no questionamento dos novos paradigmas sobre o ser humano. A partir dos estudos de Beauvoir, Fernanda Lemos destaca que a produção das ciências biológicas e psicobiológicas reestabelece as assimetrias arbitrárias da diferença entre o homem e a mulher. Ou seja, dentro da incorporação crítica de Beauvoir questiona-se o paralelismo psicofisiológico, visto que “não é a força muscular masculina que confere ao homem o domínio sobre o feminino, mas uma estrutura de poder que atribui à diferença” (LE-MOS, 2023, p. 86).

Na Nona Lição, *Corpo e existência em Beauvoir: A condição feminina*, a autora busca reunir os principais elementos dentro de uma categoria dominante que se impõe a uma outra, neste caso, persegue-se a crítica ao sistema de dominação do sexo feminino. Fernanda Lemos destaca, que a fenomenologia de Beauvoir contempla não somente a inclusão e a experiência do corpo feminino, como também a diferença de personificação em relação ao corpo masculino. A análise beauvoiriana atribui a realidade da condição do corpo feminino às situações políticas, econômicas e sociais. “Não é enquanto corpo, é enquanto corpos submetidos a *tabus*, leis, que o sujeito toma consciência de si mesmo e se realiza: é em nome de certos valores que ele se valoriza” (BEAUVOIR, 2019a, p. 64 *apud*. LEMOS, 2023, p. 91 e 92). O controle do corpo feminino é compreendido a partir da perspectiva de Beauvoir, de uma fenomenologia de experiência que possibilita estabelecer e perceber as deficiências / patologias atribuídas aos corpos femininos tidos como “desfavoráveis”. Beauvoir recorre ao método fenomenológico existencial, a fim de compreender a hostilidade desse corpo. Ao observar as experiências desse corpo feminino, Beauvoir identificou, por exemplo, que em algumas religiões como o candomblé, no Brasil, os corpos são



controlados pelas entidades e pelos líderes religiosos, principalmente nos momentos de transe. Essas observações tinham como objetivo entender “como esses corpos se transformavam por meio da religião” (LEMOS, 2023, p. 98).

Em seu último tópico, a Décima Lição, “O segundo sexo” de *O segundo sexo: Perspectivas teóricas*, Fernanda Lemos traz para o debate a questão da igualdade nas relações sociais entre homens e mulheres. A autora destaca que, segundo Beauvoir, esta diferenciação/ submissão do sexo feminino possui sua gênese histórica na sistematização biológica e psicanalítica. Para Fernanda Lemos “A mulher na sociedade sempre está em relação ao homem, não em reciprocidade, mas em condições secundarizante” (LEMOS, 2023, p. 99). Esta relação dicotômica entre o sexo masculino e feminino colocaram a mulher na condição do *Outro*. O absolutismo masculino, buscou tornar o *Outro* não essencial e objetivado. Assim, a sociedade tornou a categoria feminina objeto, impondo uma liberdade cerceada, subjugada à imanência como objeto, o *Outro*. Nesta relação de imposição do corpo feminino enquanto “*Outro*”, as mulheres experimentam uma liberdade autorizada e consentida. Para Fernanda Lemos, quando se pensa na crítica de Beauvoir sobre a liberdade entende-se uma “liberdade intermediada pelas imposições sociais que dita os lugares que ela deve ou não estar/ocupar” (LEMOS, 2023, p. 102). A fisiologia da mulher constituiu base para o debate entre a facticidade e a liberdade das mulheres, diferente de “outras estruturas de diferenciação social” como o/a escravo, o/a negro/a e o/a judeu/judia. Na sua análise Beauvoir questiona a gênese da submissão feminina.

Em conclusão, na obra *10 lições sobre Beauvoir*, a autora Fernanda Lemos aborda os principais *insights* beauvoirianos, a partir da fenomenologia existencialista como instrumento de compreensão do mundo. As questões relacionadas à finitude, à liberdade responsável humana e à transcendência divina serviram como base para as reflexões desta obra. Em síntese, a partir da fenomenologia existencialista de Beauvoir, a obra de Fernanda Lemos contemplou quatro momentos. No primeiro momento apresentou uma análise da vida e obra de Beauvoir e as repercussões de *O segundo Sexo*. No segundo, a autora destacou os referenciais teóricos a partir dos ensaios fenomenológicos existenciais.



Já no terceiro momento foram analisadas questões sobre a finitude, Deus e religiosidade. No último momento, a autora abordou as principais questões que envolvem a condição feminina, enquanto *Outro* e a representação do corpo como sendo biologicamente determinado, como também o lugar que esse o corpo ocupa.

A presente obra é extremamente necessária, de leitura prazerosa, para quem quer e precisa saber mais sobre Simone de Beauvoir, para além dos estudos feministas. Vale dizer que *10 lições sobre Beauvoir* é um profundo mergulho da autora nas obras de Simone Beauvoir, que tem como propósito dar-lhe a visibilidade merecida. É resultado de um maravilhoso e necessário estudo, constituindo uma excelente contribuição intelectual. Essa obra dá o devido lugar a Simone de Beauvoir, colocando-a na posição da sua importância pela sua intelectualidade e produção. Uma obra essencial para a filosofia, a literatura e estudos de gênero, possibilitando visualizar a consistência das obras de Beauvoir, “uma autora multidimensional e uma escritora de obras densas e complexas”, que escreveu sobre a realidade social, e que estava à frente do seu tempo.

Fernanda Lemos traz Simone de Beauvoir para o campo do ser, do não ser mais o *Outro*, marcado pela sua condição feminina de subalteridade, da parceira-ajudante de Sartre, mas como pensadora que, para além das suas importantes contribuições para o feminismo, produziu de forma independente uma obra marcada pelo olhar feminino, e que não deixou de passar pelas estruturas das violências de gênero, tanto pela exclusão da sua obra do cânon filosófico tradicional, como através da sua invisibilização.

REFERÊNCIAS

LEMOS, Fernanda. *10 lições sobre Beauvoir*. Editora Vozes, Petrópolis, Rio de Janeiro 2023, 118 p.

ABBAGNANO, N. *Dicionário de Filosofia*. Trad. Alfredo Bosi. 1ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

Submetida em: 23-10-2023

Aceito em: 30-11-2023